

Vincent Crapanzano, **Waiting: the Whites of South Africa**, New York, Random House, 1986. xxiv, 357 p. ISBN 03-94743-26-1.

Waiting, do antropólogo estadunidense Vincent Crapanzano, é uma etnografia pouco usual, mesmo no contexto do movimento que vem propondo, desde o fim da década de 1970, uma revisão exaustiva do consenso teórico-metodológico vigente até então na Antropologia, sob os signos do pós-modernismo, da desconstrução e da auto-reflexividade. De fato, mesmo as produções mais recentes que problematizam as categorias básicas da prática antropológica, como “cultura” ou “etnografia”, permanecem tendencialmente com o olhar fixado em sociedades com características marcadamente distintas do que se convencionou chamar de “ocidente”. Nesse sentido, a escolha de Crapanzano pelos brancos na África do Sul desloca decididamente o olhar para uma alteridade que se qualifica através de outros parâmetros.

Crapanzano iniciara seus estudos, ainda no fim da década de 1960, em um ambiente etnográfico clássico para a Antropologia Cultural estadunidense: os índios navajo. Na década seguinte publicara, em dois livros, os resultados de sua pesquisa no Marrocos, outro campo que já vinha sendo explorado, se bem que mais recentemente, pelos antropólogos americanos. Ali anunciava já preocupações relativas às condições de produção do saber antropológico, pondo em relevo a posição muito

específica do etnógrafo. Em *Waiting*, Crapanzano busca estender o alcance da auto-avaliação metodológica e epistemológica a que se lançara um grupo de antropólogos nos Estados Unidos, dentre os quais se destacam Clifford Geertz, Paul Rabinow e James Clifford, em resposta aos desafios colocados pela emergência da crítica pós-colonial e do pós-estruturalismo, associados à chamada “virada lingüística” no pensamento social.

Com uma posição ambígua em relação a essa entidade discursiva - o “ocidente” - de onde costumam partir os olhares da Antropologia, a África do Sul do início da década de 1980, sob o regime do *apartheid*, era um espaço de fronteira. Publicamente repudiado nos meios liberais, artísticos e acadêmicos, o regime de Pretória era politicamente sustentado, pelos governos conservadores que emergiam então nos Estados Unidos e na Inglaterra, como bastião da luta do ocidente contra o comunismo, representado pelos regimes no poder em Angola e Moçambique, e pelos movimentos de libertação na Rodésia do Sul (futuro Zimbábue) e no Sudoeste Africano (futura Namíbia). Ao investigar a experiência de uma alteridade ambígua - o *apartheid* sendo ao mesmo tempo a negação mais absoluta dos ideais universalistas europeus e a conclusão lógica do empreendimento classificatório do

ocidente – o autor termina por colocar em evidência processos culturais que em larga medida condicionam a experiência de sua própria sociedade.

A proposta de Crapanzano é “estudar os efeitos da dominação sobre os dominantes” (p. 22). O autor identifica uma tendência persistente na Antropologia de tomar como objeto de pesquisa os dominados, e acreditar na equivalência automática entre, de um lado, a dominância no âmbito do sistema e, de outro, o domínio sobre o sistema. Para ele, os dominantes estão presos no interior do sistema tanto quanto os dominados – ambos têm apenas uma pequena margem de manobra. No caso da África do Sul, o “sistema” se caracteriza por um pensamento essencialista estruturante, disseminado e intrusivo, que torna as atribuições de raça e classificações correlatas itens não-negociáveis das interações sociais (pp. 19-20). Insatisfeito com as representações estereotipadas dos dominantes como manipuladores maquiavélicos e inescrupulosos, Crapanzano procurou equacionar, ao escrever *Waiting*, o compromisso intelectual moral que subjaz ao que poderíamos chamar de uma opção preferencial pelos dominados e o impulso relativizador que também define a disciplina, entendido como o fiel de uma objetividade e de uma compreensão mais ampla do sistema de dominação em questão. Embora preferisse investigar os dois lados da relação, o fechamento político em que a África do Sul vivia então significou o impedimento legal de estudar outros grupos raciais que não os brancos.

Na construção de sua etnografia, o autor recorreu à forma literária do romance, cuja característica principal

considera ser, na esteira de Bakhtin, a polifonia (pp. xiii-xiv). Assim, vemos as vozes de um grupo de sul-africanos brancos, habitantes de uma pequena comunidade rural ao norte da Cidade do Cabo (sob o nome fictício de Wyndal), assumirem o primeiro plano e ocuparem quase todo o espaço discursivo – de fato, Crapanzano restringe-se a escrever uma breve introdução, em que procura traçar as linhas principais da situação política no país, uma apresentação sócio-geográfica da comunidade estudada (“o vale”), e trechos, geralmente curtos, intercalados às falas dos informantes, com o objetivo de esclarecer referências à história ou à política locais, o contexto em que alguns dos depoimentos foram obtidos ou, com menor frequência, compartilhar com o leitor suas próprias reações e interpretações face aos discursos dos informantes. O cerne do trabalho propriamente interpretativo está condensado no segundo capítulo, *Waiting*. Ali, Crapanzano procura definir o que seja “a experiência sul-africana” (p. 43). Os capítulos restantes formam conjuntos temáticos de trechos de depoimentos, nos quais a voz do antropólogo, para ser ouvida, requer a desconstrução, pelo leitor, das estratégias de agrupamento e ordenamento utilizadas.

É certo que *Waiting* explora de forma sistemática os limites apontados pelo pós-modernismo na prática da disciplina. Entretanto, não parece conseguir superá-los de forma muito nítida. Uma questão interessante é a observação, feita por Crapanzano, sobre a centralidade das classificações essencialistas em todos os aspectos da vida cotidiana de seus informantes – ou “o *apartheid* entendido de forma abrangente” – ser “um caso extremo da predisposição ocidental para classificar

e categorizar praticamente tudo em termos essencialistas” (p. 20). Uma outra forma de abordar o mesmo problema, apresentada em seguida, é denunciar a coincidência entre o vocabulário social engendrado pelo *apartheid* e o vocabulário científico utilizado pelo antropólogo para descrevê-lo, o que dificulta o distanciamento crítico e implica o observador na reprodução discursiva de uma versão parcial e interessada da realidade social. Crapanzano, assim como alguns de seus informantes, reconhece nessa coincidência uma aproximação entre investigador e objeto, e incomoda-se com ela: “cada vez que utilizo um dos termos racistas - ‘branco’, ‘de cor’, ‘asiático’ ou ‘negro’ - ou me refiro aos ‘africânderes’ ou ‘ingleses’, estou participando em uma constituição interessada da realidade social, a qual julgo moralmente repreensível e que não faz, em hipótese alguma, justiça à realidade humana que pretende descrever” (p. 28). No entanto, não percebe ou não explicita a generalidade do problema e sua atinência ao próprio projeto epistemológico para cuja reforma pretende contribuir, o que talvez lhe permita afirmar umas poucas páginas adiante, ao discorrer sobre a característica supostamente truncada das vidas dos habitantes de Wyndal: “não vejo razão para acreditar que eles sejam muito diferentes de outros sul-africanos brancos neste aspecto” (p. 43).

Ora, não só nesta passagem, mas ao longo de todo o livro, através de suas próprias palavras ou pela voz de seus informantes-personagens, Crapanzano parece estar interessado em identificar características, situações ou processos que possam definir e demarcar o que

chama de “experiência sul-africana”, ou, em momentos mais modestos, de “experiência dos sul-africanos brancos”, a partir da observação de um pequeno grupo específico de sul-africanos brancos, em uma situação, também muito específica, de pesquisa etnográfica. As operações de categorização e classificação implicadas na possibilidade de generalização desta experiência para o conjunto dos brancos da África do Sul não são, para além dessa advertência inicial, apontadas como um problema particular ou investigadas como parte constitutiva da própria etnografia. Crapanzano parece ver na atitude de estar sempre “esperando que alguma coisa, qualquer coisa, aconteça” (p. 42), o ethos dos brancos da África do Sul.

Se Geertz tomava a própria realidade social por um texto (presumindo uma coerência sistêmica que traía os ranços de um funcionalismo mal superado), Crapanzano separa efetivamente em *Waiting* a realidade social de sua descrição textual, mas não deixa de fazer o texto, conscientemente produzido pelo antropólogo, girar em torno da metáfora precisa e definitiva - poderíamos talvez dizer essencial - que permitirá traduzir para o leitor o significado último da experiência dos brancos sul-africanos, que permitirá defini-la (como, aliás, o título dado ao livro já prenuncia). O próprio autor nos participa o processo de escolha do termo mais apropriado: “falar de ‘horror’, ‘angústia’, ‘culpa’ ou de ‘ser esmagado’, todos os quais compõem a experiência da espera, acrescentaria uma dimensão metafísica, uma tensão melodramática, à experiência muito corriqueira que estou tentando descrever”. E ainda: “a espera - a experiência sul-africana - deve ser

apreciada em toda sua banalidade. Aí repousa sua comiseração - e sua humanidade” (p. 43).

Há, no entanto, alguns motivos para se duvidar da validade dessa operação categorial. Por exemplo, além da divisão mais óbvia entre africânderes e ingleses, apontada pelo autor, surgem nos depoimentos diversas situações em que os habitantes de Wyndal atêm-se claramente a outras dicotomias identitárias que atravessam o universo branco: entre fazendeiros e comerciantes, entre o ambiente rural e o urbano, entre os habitantes do Cabo e os do Transval, entre os nascidos na África do Sul e os que migraram da Rodésia, entre crentes em igrejas e seitas rivais, entre distintas gerações. Se o *apartheid* em sentido amplo é mesmo uma realidade constitutiva e inescapável da experiência dessas pessoas, como afirma Crapanzano, um caminho que certamente faria mais justiça à complexidade da realidade social observada seria investigar aonde levam essas dicotomias, e as formas pelas quais os informantes-personagens de *Waiting* conseguem perceber todos esses grupos como essencialmente distintos, e, mesmo assim, articulá-los em torno de um essencialmente uniforme “nós, brancos”.

A própria escolha de Wyndal merece atenção. Crapanzano sabe, obviamente, que esta não é uma comunidade “típica”, no sentido de estatisticamente balanceada ou em qualquer outro sentido que já tenha sido atribuído ao termo pelas Ciências Sociais. Segundo Crapanzano, a vantagem de Wyndal era reunir tanto africânderes quanto ingleses (ao contrário da maioria das localidades agrícolas, que são habitadas exclusivamente por uma das

populações), de forma que a relação entre os dois grupos pudesse ser observada. Além disso, o perfil sócio-econômico relativamente alto, o cosmopolitismo representado pela proximidade com a Cidade do Cabo e a instrução dos habitantes da localidade evitaria a construção de mais uma “caricatura do africânder *veerkrampte* (reacionário) do Transval ou do Free State, ou do inglês ‘colonial’ de Natal servido por ‘meninos zulus’ em túnicas brancas com tarjas vermelhas” (p. 25). Poderíamos nos perguntar o quando as descrições do africânder *veerkrampte* são mesmo caricatas e o quanto não seria essa personagem uma caricatura de outros reacionários da fronteira, mais familiares a Crapanzano, cuja evocação ele talvez tenha procurado evitar. Não devemos esquecer de que esse era o momento em que o governador do Texas e ex-ator de filmes de faroeste, o conservador Ronald Reagan, era eleito presidente dos Estados Unidos, encerrando duas décadas de hegemonia liberal no comando dos destinos do país e anunciando uma retomada conservadora no próprio coração do ocidente.

A maior dificuldade apresentada por Wyndal, entretanto, não é essa. De fato, a figura do *veerkrampte* é descrita e referenciada como contraponto identitário pelos habitantes, ingleses assim como africânderes, da localidade. Também não faltava, ali, o *veerkrampte* da aldeia, devidamente entrevistado por Crapanzano. A questão é que, no vale, praticamente não existiam negros. Nem é preciso insistir, examinar uma situação de *apartheid* em que os negros não estão fisicamente presentes e generalizar a observação dessa situação para toda a África do Sul é uma

operação metodológica arriscada, para dizer o mínimo.

Finalmente, é preciso problematizar a situação específica da etnografia, em meio à qual os significados e discursos contidos no livro foram produzidos. Crapanzano percebe que os informantes, ao enunciarem seus depoimentos, tinham a plena consciência de que o resultado da pesquisa seria lido como uma representação da África de Sul, do *apartheid* e de si próprios, enquanto grupo, por um público (branco) estadunidense e talvez europeu (pp. 26-27). Nesse sentido, pode-se perguntar o quanto a estratégia da polifonia, da forma como foi adotada por Crapanzano, aproxima ou afasta o leitor da compreensão da realidade social que se quer descrever. Ao apresentar os discursos dos personagens-informantes diretamente ao leitor, abandonando a tentativa de ler a realidade como texto e permitindo a coexistência e mesmo o conflito de vozes discrepantes, o antropólogo termina por abandonar em boa medida a tarefa, sem dúvida pertinente, de ler como textos esses discursos, marcadamente identitários e fortemente intencionais, dirigidos pelos sul-africanos brancos de Wyndal aos leitores de *Waiting* na tentativa, talvez, de transformá-los em pares. Seus informantes querem fazê-lo seu porta-voz; Crapanzano parece aceitar a incumbência.

O silêncio de Crapanzano em *Waiting* talvez revele uma identificação muito próxima do autor com o terceiro elemento da tríade etnográfica (informante-antropólogo-leitor). Escrito para um público ocidental que enxerga a África do Sul através da lente de uma “patologia maravilhosa” que permite

tratar questões morais como se fossem uma doença (p. 47), *Waiting* certamente promove, ao fazer chegar em primeira mão os discursos dos sul-africanos brancos sobre o *apartheid*, uma estranha sensação de familiaridade. Este é talvez o maior mérito do livro – a denúncia de que a fala desses informantes-personagens, se por um lado é única, por outro lado é apenas um “dialeto” de uma linguagem mais abrangente, em grande medida compreensível por estadunidenses e europeus (p. xiv). Nesse sentido, o livro cumpre sua tarefa, auto-imposta, de ser um estudo sobre “nossas próprias possibilidades” (p. 47) – “nossas”, é claro, se referindo a grupos que se identificam com uma civilização ocidental branca – em um momento de relativo esgotamento, no coração do ocidente, das iniciativas liberais frente ao problema do racismo e da desigualdade racial.

Entretanto, há ainda uma última questão a ser levantada. Não teria Crapanzano, afinal, confiado demais na discurso sociológico de seus próprios informantes? Ele defende-se, é certo, das suposições essencialistas contidas nas categorias raciais utilizadas pelos personagens de *Waiting* – e consegue ainda assim permanecer engajado na etnografia, como ele próprio admite, apenas através de um certo cinismo (p. 24). Mas Crapanzano parece não se defender tão bem da afirmação pública cotidiana, feita por seus informantes, de sua crença inescapável no “*apartheid* abrangente”. De fato, os brancos de Wyndal conseguem convencer Crapanzano de que não há brechas significativas no pensamento essencialista, de que as categorias que possibilitam a segregação são experimentadas cotidianamente de

forma absoluta e essencial: eles acreditam no *apartheid*; eles acreditam na sua própria superioridade, seja essa uma determinação divina, cultural ou biológica. Mesmo os críticos do regime não conseguem se desvencilhar das categorias essencialistas e hierarquizantes, e tratam os outros como crianças, na melhor das hipóteses, ou como animais, na pior. A linguagem, especialmente o africâner, é tirânica, e condiciona o essencialismo. O *apartheid* é intrusivo e absoluto, as categorias raciais são fixas e opacas, o pequeno espaço existencial que torna possível um engajamento vital com o outro é estreito demais. Os outros (negros, de cor, asiáticos) são apenas peões no jogo identitário dos brancos; mantêm-se, no dizer de uma das informantes, em “implacável silêncio”.

E, no entanto, haveria motivos para supor que a terra se move sob os pés dos brancos de Wyndal. Em diversos trechos dos discursos (públicos, não esqueçamos), esses outros a quem o pensamento essencialista não confere real existência ameaçam entrar em cena – parece sempre haver a apavorante possibilidade de que eles deixem de reconhecer “o seu lugar” e ajam de forma a pôr em causa o entendimento tácito da segregação. Em outras palavras, os brancos de Wyndal parecem estar perfeitamente conscientes de que o sistema fechado que defendem publicamente encontra-

se, a todo momento, em risco. Que outro sentido teria a espera “de que alguma coisa, qualquer coisa, aconteça”, senão o reconhecimento implícito de que a situação vivida naquele momento era insustentável? E como seria percebida como insustentável, se a superioridade branca fosse, na experiência privada dos informantes-personagens, o dado inquestionável dos discursos públicos?

Ao fim e ao cabo, *Waiting* mostra-se um interessantíssimo painel dos discursos públicos sobre o *apartheid* enunciados por brancos sul-africanos relativamente protegidos dele em seu vale sem negros. Se Crapanzano, ao olhar para este país (“por acaso distante”), aponta para as próprias entranhas do ocidente, recusando a patologia fácil e sublinhando o essencialismo compartilhado em alguma medida entre brancos na África do Sul, nos Estados Unidos ou na Europa, fica longe de alcançar o que seja “a experiência sul-africana” dos brancos frente ao *apartheid* real. Talvez porque esta não se preste a ser reduzida a uma metáfora, por mais elaborada que seja. Talvez porque Crapanzano tenha-se concentrado demais nos discursos, envolvido pela ênfase na textualidade, e tenha-se absterido de descolá-los não só da realidade, mas também da experiência mesma de seus informantes, que esses discursos apenas mediatizam, com um grau elevado de intencionalidade.

Fábio Baqueiro Figueiredo

Mestrando em Estudos Étnicos e Africanos
Universidade Federal da Bahia